

eqüina e os animais são criados em sistema de semi-confinamento. As amostras de sangue foram coletadas em tubos vacutainer e foram centrifugadas a 6000 X g por 10 min para obtenção dos soros.

As amostras foram analisadas pela reação de ELISA competitivo (cELISA) (VRMD®).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das 130 amostras coletadas, 23 (17,7%) foram positivas, sendo destas 19 (48,7%) da raça Crioula e 4 (4,3%) da raça Puro Sangue Inglês de Corrida (Tabela 1).

Estudos epidemiológicos realizados por CUNHA et al. (1996), TENTER & FRIEDHOFF (1986), HEUCHERT et al. (1999) em diferentes estados brasileiros demonstraram prevalências superiores, variando desde 49,2% até 100%, sob diferentes condições epidemiológicas, sobretudo expostas a altas infestações por carrapatos.

Variações de prevalência foram observadas de acordo com os sistemas de criação. Este efeito foi descrito por CUNHA et al. (1996) e BOTTEON et al. (2002) em diferentes regiões do Brasil. BOTTEON et al (2002) ao analisarem cada tipo de sistema de manejo, se observou uma prevalência de 16,67% no sistema extensivo, 16,13% no sistema de semiconfinamento e 4,78% em sistema confinado.

Tabela 1. Frequência de anticorpos anti-*T. equi*, detectada por reação de cELISA, em um estabelecimento do município de Bagé no estado do Rio Grande do Sul, 2008.

Raça	Número de animais testados	Animais positivos	% Positivos
PSI	91	4	4,3
Crioulo	39	19	48,7
Total	130	23	17,7

Segundo KNOWLES & UNISS-FLOID (1983), somente a transmissão através de carrapatos é capaz de manter uma área endêmica. A taxa de prevalência está diretamente relacionada com a epidemiologia dos carrapatos vetores na região.

CONCLUSÕES

O predomínio de eqüinos reagentes à *T. equi* neste estudo demonstra que a região é uma área endêmica da theileriose eqüina. Nossos resultados confirmam a importância do controle de *T. equi* e demonstra que a população de cavalos na região de Bagé no Rio Grande do sul está exposta à infecção de *T. equi*.

Portanto, antecipamos que pesquisas com o desenvolvimento de vacinas e diagnóstico estão sendo desenvolvidas por nossa equipe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOTTEON PTL, BOTTEON RCCM, LINHARES GFC, MASSARD CL, LOSS ZG. Seroprevalencia de *Babesia equi* em tres diferentes sistemas de crianca de equinos. Rio de Janeiro – Brasil. Parasitol Latinoamer 2002; 57: 141-145.

CUNHA CW, DA SILVA SS, PIMENTEL CA, DAPPER E. Avaliação da freqüência de eqüinos soropositivos a *Babesia equi* no Jôquei Clube de Pelotas e em dois Haras da zona sul do Rio Grande do Sul, RS. Rev Bras Paras Vet 1996; 5: 119-122.

HEUCHERT CM, DE GIULLI Jr V, DE ATHAIDE DF, BÖSE R, FRIEDHOFF KT. Seroepidemiologic studies on *Babesia equi* and *Babesia caballi* infection in Brazil. Vet Parasitol 1999; 85(1): 1-11.

HEIM A, PASSOS LMF, RIBEIRO MFB, COSTA-JUNIOR LM, BASTOS CV, CABRAL DD, HIRZMANN J, PFISTER K. Detection and molecular characterization of *Babesia caballi* and *Theileria equi* isolates from endemic areas of Brazil. Parasitol Res 2007; 102: 63-68.

KNOWLES DP. Control of *Babesia equi* parasitemia. Parasitol Today 1996; 12: 195-198.

KNOWLES JrD. Equine babesiosis (Piroplasmiasis): a problem in the international movement of horses. Br Vet J 1996; 52(2): 123-126.

KNOWLES RC, UNISS-FLOYD R. Equine Piroplasmiasis (Babesiosis) of the *Babesia caballi* type. Equine Practice 1983; 5(3): 18-22.

SCHEIN E. Equine babesiosis. In: RISTIC M. (Ed.). Babesiosis of Domestic Animals and Man. CRC Press, Boca Raton, 1988; 197-208.

SOUZA AP, BELLATO V, SARTOR AA, SILVA AB. Prevalência de anticorpos anti-*Babesia equi* em eqüinos no planalto catarinense. Ciência Rural 2000; 30: 119-121.

TENDER AM, FRIEDHOFF KT. Serodiagnosis of experimental and natural *Babesia equi* and *B. caballi* infections. Vet Parasitol 1986; 20: 49-61.

XUAN X, NAGAI A, BATTSETSEG B, FUKUMOTO S, MAKALA LH, INOUE N, IGARASHI I, MIKAMI T, FUJISAKI K. Diagnosis of equine piroplasmiasis in Brazil

by serodiagnostic methods with recombinant antigens. J Vet Med S 2001; 63(10): 1159-1160.